

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Barbosa Ulisses, Ivaneide

Museus: entre colecionar e musealizar

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.

18, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 1347-1351

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305533071018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Museus: entre colecionar e musealizar*

Ivaneide Barbosa Ulisses**

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Gestão de museus, diagnóstico, museológico e planejamento: um desafio contemporâneo*. Porto Alegre: Medianiz, 2013. 239 p.

A obra da professora Manuelina Cândido é resultado de sua tese de doutorado pela Universidade de Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), Lisboa – Portugal. Seu objeto é o desafio da museologia na contemporaneidade de tratar a gestão dos museus aliada à problematização nos espaços museais. O texto nos instiga em relação ao seu tema central, “museu e gestão”, mas também nos leva a perguntar sobre “museografia e recepção”. Como consequência de leitura, envolve-nos com a temática da cultura material que, por sua vez, desemboca quase sempre em contendas multidisciplinares designadas de patrimônio. Portanto, o livro nos aparece como uma contribuição importante para o debate sobre a área abrangida. Todavia, acrescenta reflexões além do campo da museologia.

O livro trata de instituições e seus objetos e/ou de pessoas e seus objetos. Objetos que são coisas em que as pessoas, por meios como o estudo e a poesia, criam significados: “As coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo [...] duração [...] função, idade, sentido. As coisas não têm paz” (ANTUNES; GIL, 2007).

Em igual perspectiva, expõe o historiador José Newton Coelho Meneses: “as coisas existem e exigem gestos. O homem as inventa, as torna úteis e elas participam de sua sobrevivência e atendem às suas necessidades [...]

* Resenha recebida em 13/09/2014. Aprovada em 21/09/2014.

** Doutoranda em História pela UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil. Professora da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil. E-mail: ivaulisses@yahoo.com.br

conforme a materialidade da cultura, mas, também, são conformadas por significados que vão além de sua concretude (2011, p. 397).

Assim como Antunes e Gil e Coelho Meneses refletem sobre os objetos, unindo materialidades e significações, o faz Manuelina Cândido, autora desse livro resenhado. Porém, sendo seu texto resultado de tese acadêmica, elege para sua investigação tão somente uma das complexas formas das pessoas lidarem com os objetos/coisas para sua investigação, o modo dos “museus”. Museu, lugar de memória, ou melhor, da arrumação (e/ou desarrumação), da acomodação (ou/e desacomodação) de dadas memórias.

Como bem lembra Candau (2012), memória é sempre identidade em ação; o modo dos museus dar-se na execução de um conjunto de tarefas compostas pelos atos de seleção, organização, guarda, exposição e avaliação, tarefas essas que caracterizam o processo de patrimonialização, cognominado no texto de “musealização do patrimônio”.

De antemão, ressaltamos que Manuelina Cândido salienta que os processos de musealização não são privilégios dos museus, porém, seu texto especifica esse espaço enquanto: “locus privilegiado de institucionalização/projeção no tempo [...] memórias, motivo pelo qual deve ser analisado em sua complexa rede de seleções, descartes e reinterpretações, que fazem dele instrumentos de exercício do poder” (2013, p. 13).

O livro se delinea, de acordo com a autora, pelas questões: “Desde quando existem museus tais como conhecemos hoje?” “E a Museologia como aparece a longo do tempo?” “Os museus de hoje ainda apenas estocam objetos?” “Que diferentes modelos de musealização coexistem atualmente?” (p. 48). Ela levanta historicamente como os museus lidaram/lidam com autocríticas e respondem às apreciações dos “de fora”. Problematisa os conceitos de “museu” e “Museologia” e enfatiza que tais seguimentos nem sempre se encontraram ao logo do tempo nos processos museológicos.

A tese da acadêmica centra-se na busca do encontro dessas duas perspectivas - prática e teórica - no fazer museal, que são resultado e proposta de aplicação, e na argumentação sustentada em torno dos conceitos de “Fenômeno museal” e “Fato museal. Fenômeno museal é o próprio processo museológico, patrimonial e o fato museal é a unidade básica em um cenário onde se coloca a ciência museológica como espaço de atuação, em que se encaixa o próprio objetivo da ciência que é, segundo Cândido, “compreender a relação entre a sociedade e sua herança patrimonial, contextualizada nos processos museológicos – preservacionistas. Uma relação que é construída, não dada” (p. 59).

A junção da prática com a teoria é talhada pela autora por meio da avaliação da instituição museu, ou como a mesma expõe na “realização do diagnóstico museológico” (p. 18) como estratégia que carrega em si referências ideológicas, teóricas e práticas. Têm-se na avaliação perspectivas que unem informações sobre o próprio museu e formação na área museológica. Cândido escreve: “O diagnóstico museológico [...] é uma estratégia metodológica que visa à identificação e à apreensão das potencialidades museológicas de um território ou de uma instituição [...] ferramenta básica para o planejamento institucional em longo prazo” (p. 18).

O diagnóstico funciona de acordo com o desejo de planejamento por parte da gestão dos museus, juntamente com a intenção de interferência da museologia nesses espaços. Como Manuelina Cândido explicita na introdução da obra, “Agora é o momento [...] pela aproximação da entrada em vigor da exigência de os museus terem seus planos museológicos” (p. 11). Ou seja, existe a necessidade da instituição museu se abrir à avaliação, pois essa se alia diretamente com planejamento e gestão.

Segue a autora com o elenco de alguns fatores externos e internos que fortalecem o argumento da necessidade da avaliação/planejamento. O

aumento do número de museus (mais acesso com mais competição entre as instituições), conseqüentemente o aumento da audiência dos museus, novas políticas governamentais, relação cada vez maior com turismo e aumento com custos de segurança estão entre os fatores externos retratados. Já como fatores internos são apresentados elementos como maior profissionalismo das equipes e incremento nos moldes de negócios nos processos contemporâneos para aproximar-se das demandas contemporâneas.

A autora fortalece sua perspectiva com apresentação da análise de diagnósticos junto a instituições como exemplares para sua discussão, aproveitando para esmiuçar planilhas, fichas, levantamentos e outros elementos extremamente práticos e necessários para sua proposta aplicativa. Temos, assim, que temas próprios para uso de profissionais da área são diretamente expostos na composição textual da professora, como instruções de roteiros (*check-list*) e bibliografia para atender à necessidade de análise e aplicação.

Diz-nos Manuelina Cândido, “avaliar significa instituir uma disposição de busca, uma atitude crítica e autocrítica, o que desencadeia um processo de revisão e superação persistente. [...] Avaliar é ainda escolher que princípios se valorizam como critérios de qualidade” (p. 85), que envolve diagnósticos setoriais da instituição que passam pelo acervo e sua conservação, e também pela segurança, documentação, exposições e estudo de público.

Como procuramos deixar claro, o livro pretende à aplicação, ao uso e à apropriação dos profissionais de museus e de museologia e, ao mesmo tempo, auscultamos, ao longo da leitura, objetos que simbolizam, significam percursos de vidas, de memórias que, estando em museus, ganham em dimensão social. Como os museus os organizam, podem em muito nos dizer sobre como respondem às necessidades de arrumação e comunicação contemporâneas das instituições museológicas.

Referências

ANTUNES, Arnaldo; GIL, Gilberto. As Coisas. In: ANTUNES, Arnaldo. *Qualquer*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2007. CD. Faixa 12.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Belo Horizonte: Contexto, 2012.

MENESES, José Newton Coelho. Elementos materiais da cultura e patrimônio (Apresentação). *Varia História*, Belo Horizonte, n. 46, p. 397-404, jul./dez. 2011.

